

Cidades.

EDITORA:
ELISA RANGEL
erangel@redgazeta.com.br
Tel.: 3321.8446
agazeta.com.br/cidades
gazetacidades

Pescador observa
peixe morto no
Rio Doce, tomado
pela lama

LAMA NO ESPÍRITO SANTO

UM MÊS DEPOIS, RASTRO DE DESTRUIÇÃO E INCERTEZA

Rompimento da barragem de lama completa 30 dias hoje

CARLA SÁ
carla.sa@redgazeta.com.br

A tarde do dia 5 de novembro, exatamente há um mês atrás, transcorria como uma quinta-feira qualquer quando funcionários do complexo de barragens da Samarco – controlada pela Vale e pela BHP Billiton –, em Mariana, Minas Gerais, deram o alerta. Sem acreditar no que via, um deles dava o recado no rádio, “matou os caras, Nossa Senhora”, disse perplexo, referindo-se a colegas que trabalhavam na área quando a estrutura se rompeu. A tragédia só foi crescendo e transformou-se em um desastre ambiental sem precedentes no país.

A enxurrada de 50 milhões de metros cúbicos de lama de rejeitos de minério que a barragem de Fundão guardava varreu o dis-

TRAGÉDIA

13

mortos

Foram encontrados em Mariana; dois corpos ainda não foram identificados.

11

toneladas de peixes

Desse total, oito toneladas de animais mortos foram recolhidas em Minas Gerais e três no Estado.

trito de Bento Rodrigues inteiro, chegou a outra cidade a 58 km de distância, Barra Longa, matou pelo menos 13 pessoas - dois corpos ainda não foram

identificados e há oito desaparecidos -, deixou 211 famílias desabrigadas, atravessou 663 km do Rio Doce passando pelo Espírito Santo, deixou 11 toneladas de peixes mortos e desembocou no mar.

PERGUNTAS

Trinta dias depois, o sentimento de quem vive às margens do rio é um só: um misto de tristeza e incerteza. Até quando o Rio Doce ficará cheio de lama? Até onde a mancha de rejeitos chegará pelo mar? Qual o tamanho do impacto? Quanto tempo os ecossistemas vão demorar para se recuperar? Quando poderão voltar a pescar? Qual o efeito dos elementos químicos dessa lama no meio ambiente? Quando a empresa pagará as indenizações? Do que

vão viver sem a pesca?

Sobram perguntas que vão ficando sem resposta enquanto os ribeirinhos choram ao ver agonizar o rio da quinta maior bacia do país.

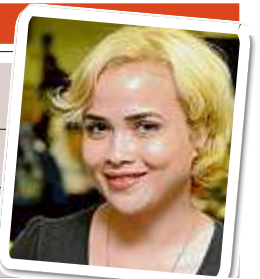
Percorremos os três municípios do Espírito Santo por onde a lama passou ouvindo a população e as prefeituras. Nas cidades, todos os outros projetos e trabalhos foram deixados de lado enquanto as administrações concentram esforços em tentar reparar estragos e resolver transtornos causados pelo desastre.

Nas próximas páginas, contamos três capítulos da tragédia no Estado: o medo de ficar sem o sustento, em Baixo Guandu; o desespero por água potável, em Colatina; e o luto pelo meio ambiente, em Linhares.

DEPOIMENTO

“PAISAGEM APOCALÍPTICA”

Carla Sá
Repórter



“Nem todas as fotos que vi acompanhando a situação esse mês inteiro sobre os estragos da lama de rejeitos de minério diminuíram o choque de ver de perto a situação. O Rio Doce está laranja, dando à paisagem um ar apocalíptico. Em Colatina, onde o abastecimento das casas acontece pelo Rio Doce, há muita desconfiança sobre a água que está sendo tratada

com um produto especial. Tomei banho e escovei os dentes no dia que fiquei por lá e o que senti de diferente foi um cheiro mais forte de cloro, mas não havia cor estranha ou sujeira na água. Vendo o rio daquele jeito, entretanto, não é difícil entender a tristeza das pessoas que vivem nas cidades por onde ele corre e o medo de voltar a utilizá-la no dia a dia”.

SEMANA DE 6 A 12 DE NOVEMBRO DE 2015

▼ Rompimento da barragem

Barragem de rejeitos da Samarco rompeu-se. O distrito de Bento Rodrigues, em Mariana (MG), foi alagado.



▼ Lama rumo ao Estado

O mar de lama estava perto de chegar ao Espírito Santo. A previsão era do Serviço Geológico do Brasil.



▼ Mar de rejeitos avança

A previsão de chegada ao Estado do mar de lama que vazou das barragens da Samarco é adiada mais uma vez.



▼ Samarco tem que doar água

O lema intimou a Samarco para distribuir água para consumo humano e dos animais nas cidades do Espírito Santo.



LAMA NO ESPÍRITO SANTO



CARLOS ALBERTO SILVA

Pescado guardado

Na casa de Vanda, muitos quilos de peixe pescados antes da chegada da lama acumulam-se no freezer, pois ninguém quer comprar.

“Há 30 dias ninguém compra nada, dizem que está envenenado. Terei que comer peixe com angu para não passar fome”

— **VANDA LOPES ROSA, PESCADORA, 43 ANOS**



CARLOS ALBERTO SILVA

Catástrofes

Délcio cresceu pescando no Rio Doce. Sua maior tristeza é acreditar que não viverá para ver o rio recuperado da catástrofe.

“Passei minha vida toda pescando. Agora, pela minha idade, acho que não volto a pescar nesse rio recuperado”

— **DÉLCIO HENRIQUE GONÇALVES, PESCADOR, 71 ANOS**

SEM PEIXE, SEM SUSTENTO

Em Baixo Guandu, pescadores não têm perspectiva de vida

/// **CARLA SÁ**
carla.sa@redgazeta.com.br

“Igual nós conhecemos esse rio, ninguém mais conhece”, diz o pescador Adroaldo Gonçalves Filho, 58 anos. Ele sobrevive da pesca no Rio Doce há 40 anos em Mascarenhas, Baixo Guandu, e agora não faz ideia do que fará para sustentar sua família. Como ele, toda a comunidade de pescadores está sofrendo por ver o rio cheio de lama e não saber o que fazer de suas vidas.

Antes da lama chegar na cidade, no dia 17 de novembro, eles estocaram boas quantidades de peixe, o que já estavam fazendo pela proximidade da piracema – de novembro a fevereiro –, período de defeso em que é proibido pescar. Mas, depois da tragédia, ninguém quer comprar por desconfiarem de contaminação.

Muitos acabaram dando os pescados para outros. Mas tem quem não possa fa-

TRISTEZA



“É doído ver o nosso rio assim, destruído. Não tive nem coragem de ir até a água, para não chorar”

EDITH DE PAULA
DONA DE CASA, 64

zer isso porque, sem dinheiro, terá que comer o peixe para sobreviver, como Vanda Lopes Rosa, 43 anos, que pesca desde os 12, quando aprendeu o ofício com o pai. “Já estou comendo para não passar fome”, comenta.

Os pescadores dizem que representantes de uma em-



CARLOS ALBERTO SILVA

Adroaldo, 58, carrega a rede precocemente aposentada às margens do rio

presa contratada pela Samarco estiveram na região para fazer cadastro, saber quanto ganhavam por mês. Mas há muita desinformação, todos acreditam que só podem fazer o pedido do pagamento do defeso – um salário mínimo – em janeiro, quando, na verdade, o Insti-

tuto Nacional do Seguro Social (INSS) informa que poderiam ter se habilitado desde novembro e que já receberiam depois de dois dias.

CALOR

A indignação pela situação só não é maior que a tristeza por ver o rio esteriliza-

do e sem vida. Além de servir de sustento, era onde famílias reuniam-se aos finais de semana para se refrescar na calorenta Baixo Guandu. “A gente olha para a água e chora, dá vontade de sumir. Nem toda a indenização do mundo paga nosso rio”, lamenta Vanda.

Captação provisória do Rio Guandu

/// Como o abastecimento da cidade era feito com a água do Rio Doce, a prefeitura de Baixo Guandu fez em quatro dias uma obra para captar de outro lugar, o Rio Guandu, usando uma barragem desativada. Deu certo, mas a instalação é temporária.

“Não sei se essa estrutura vai aguentar um mês ou seis. Precisamos transformar em algo definitivo”, explica o diretor do Serviço Autônomo de Água e Esgoto da cidade, Luciano Magalhães.

O projeto está pronto, mas falta o recurso. “Se revertessem o dinheiro das multas da Samarco para os municípios, faria a obra e a ampliação”, diz o prefeito Neto Barros.

SEMANA DE 13 A 19 DE NOVEMBRO DE 2015

▼ **Dilma visita o Estado**

Governos anunciam construção de duas adutoras para levar água de lagoas à rede de distribuição de Colatina.



▼ **Vale vai tirar água de rochas**

A Vale apresentou para o governo a proposta de fazer poços profundos de captação de água, inclusive de dentro de rochas subterrâneas.



▼ **Minas consegue tratar água**

O abastecimento de água na cidade mineira de Governador Valadares será retomado na semana seguinte.



▼ **Exército monta base em Colatina**

Mais de 100 homens do Exército chegam a Colatina, montam base e controlam a distribuição de água.



LAMA NO ESPÍRITO SANTO

FILAS E DESESPERO EM BUSCA DE ÁGUA

Moradores de Colatina marcam lugar às 7h para garantir que pegarão fardo

CARLA SÁ
carla.sa@redgazeta.com.br

Desde as 7h da manhã tem gente marcando lugar na fila com pedras e cadeiras para a distribuição de água mineral que só acontecerá às 17h em 60 pontos da cidade. É o desespero para garantir o recurso para beber e cozinhar, por ainda não confiar no tratamento da água do Rio Doce que chega em casa em Colatina.

“Antes vinham dois caminhões cheios e agora vem só meia carga”, reclama a vendedora Ednalva de Freitas, 47 anos. Isso teria motivado protestos em quatro pontos da cidade no último domingo. A Samarco, responsável pela distribuição, entretanto, não respondeu à reportagem o porquê da redução.

Oficialmente, a empresa está entregando nove litros por pessoa. Na prática, cada um recebe um fardo de garrafas grandes ou dois das pequenas, um total de 12 litros. Para Ednalva, entretanto, é preciso voltar até o final da

MINERAL

330

mil litros distribuídos
Essa é a quantidade entregue diariamente à população de Colatina.

fila e pegar mais um. “Minha mãe é acamada e tenho que usar a água mineral para limpá-la. Como ela não pode vir, tenho que buscar para nós duas”, desabafa.

Garantir o segundo fardo é difícil, porque além de sempre ter muita gente, tem aqueles que furam a fila. “Já fiquei sem uma vez. Por isso agora chego ao meio-dia para garantir”, diz a dona de casa Maria da Penha Silva.

Colatina é abastecida pelo Doce e, por isso, a população está recebendo a água encanada tratada com um produto especial feito de acácia negra que acelera a decantação da lama.

ANÁLISES DIÁRIAS

Mas para quem vê a água laranja correndo o rio, é difícil confiar que, tratada, ela esteja própria para o consumo e a maioria usa só para higiene e tarefas domésticas. Muitos reclamam que o cheiro ficou mais forte e há quem relate coceira. O engenheiro sanitário do serviço de abastecimento da cidade, o Sanear, João Avancini, garante que a água é confiável e que são feitas análises diárias.

“O produto é bom e estamos conseguindo remover os sedimentos. O cheiro está associado ao cloro, que passou de 0,6 para 1, mas a norma aceita até 2. É normal essa descrença inicial da população”, afirma.

No entanto, a Justiça analisa uma ação do Ministério Público Estadual que pede a suspensão da captação de água sob a afirmação de que laudos da prefeitura mostram que a água está imprópria para o consumo.

CARLOS ALBERTO SILVA



Moradores do bairro Honório Fraga pegam dois fardos em ponto de distribuição

CARLOS ALBERTO SILVA



Primeira da fila

Maria da Penha Silva, 54 anos, chegou ao meio-dia para ser a primeira da fila no bairro São Marcos e garantir seu fardo. “A água que chega em casa fede. Pego aqui pelo menos para beber”.

CARLOS ALBERTO SILVA



Cheiro de cloro

Para limpar a casa e tomar banho, a dona de casa Rita de Cássia Baptista, 41 anos, utiliza a água tratada do rio. “Tem cheiro de cloro, principalmente de manhã cedo”, diz.

Prefeitura ainda estuda alternativas

Mesmo captando e tratando água do Rio Doce atualmente, a Prefeitura de Colatina se prepara para ter métodos alternativos de abastecimento, já prevendo o ciclo das chuvas e de cheias que pode aumentar novamente a turbidez da água.

A curto prazo, poços profundos são os mais efetivos. Dos seis perfurados, quatro encontraram água, mas a vazão total é de pouco mais de 1 milhão de litros por dia. É pouco para uma cidade que abastece 34 milhões diariamente. “Mas pode ser alternativa para uma situação emergencial”, diz o prefeito, Leonardo Deptulski.

Ele calcula que, se forem abertos 20 poços com vazão de 500 mil litros por dia cada, terá 10 milhões de litros. “É pelo menos um terço do que precisamos”.

O ideal seria a captação das lagoas do Limão e Batista com as adutoras. “Elas teriam a vazão necessária”, avalia. Na segunda-feira, ele se reúne com representantes da Samarco para discutir as possibilidades.

SEMANA DE 20 A 26 DE NOVEMBRO DE 2015

▼ 200 espécies ameaçadas

Mais de 200 espécies de peixes no Rio Doce estão ameaçadas de extinção por causa da lama.



▼ Confusão na entrega de água

Por falha na distribuição, houve confusão e briga na entrega de água em Colatina, e o Exército então assumiu.



▼ Lama chega ao Rio Doce

16 dias após o acidente na barragem, a lama chega à Foz do Rio Doce, em Regência, Linhares, invadindo o mar.



▼ Um ano para saber as causas

Presidente da Samarco, Ricardo Vêscovi disse para A GAZETA que levará de seis meses a um ano para saber o que aconteceu.



LAMA NO ESPÍRITO SANTO

RIO, MAR E MANGUE CHEIOS DE LAMA EM REGÊNCIA

Impacto na natureza afeta quem vive e quem visita o local

✎ CARLA SÁ
carla.sa@redgazeta.com.br

Na pequena vila de Regência, em Linhares, os últimos 30 dias foram de um tumulto inédito. Gente de todo o mundo, órgãos ambientais e jornalistas registrando a chegada da lama no mar. Mas para a comunidade, que reverencia o meio ambiente, o mais impactante é o choque de ver um santuário da natureza ameaçado.

O mar e a foz totalmente tomados pela lama impressionam. Embora a Samarco e a prefeitura afirmem que as boias de contenção não deixaram que os rejeitos invadissem por completo os alagados e a restinga, o que se vê a olho nu é que a água está da mesma cor por dentro e por fora da barreira.

“Aprendi a nadar aqui, pulando de uma árvore seca e até o mês passado os meninos faziam isso”, lembra a professora e técnica de enfermagem Luciana Souza, 43 anos. Nativa de Regência, para ela, a Samarco está muito distante da comunidade. “Já que não foi evitado o que aconteceu, que tenham a hombridade de nos informar”.



FOTOS: CARLOS ALBERTO SILVA

Alagados da vegetação de restinga e mangue próximo à foz do Rio Doce foram invadidos pelos rejeitos



Mobilização

A professora Luciana Souza, 43 anos, está se mobilizando com a comunidade de Regência para cobrar mais ações e informações. “Perdemos o chão com essa catástrofe. O pior são as incertezas”.



Preocupação

Com a proximidade das férias, o surfista Robson Barros, o Pontinha, 46 anos, preocupa-se com as crianças. “Como vou falar para os meninos nativos que a onda aqui está contaminada?”

A movimentação causada pela tragédia traz preocupação. “As pessoas aqui estão acostumadas à vida tranquila, essa situação quebrou isso. Os nativos querem comer peixe e não tem. Antes dava vontade e era só ir ali e pescar”, diz o surfista Robson Barros, o Pontinha, 46 anos. Ele explica que já estavam lutando por um maior cuidado com o Rio Doce, que está assoreado, e contra a instalação de um mineroduto na região.

Se os adultos estão tristes, as crianças estão confusas, diz Luciana. O rio e o mar eram seu playground e o contato com a natureza está intrínseco. “Entram de férias agora e não poderão mais brincar lá”, lamenta a professora.

Além do impacto na natureza, a chegada de turistas para o Natal e o Ano Novo foi afetada. “As pousadas estavam cheias de reserva. Agora todo mundo cancelou”, diz o presidente da Associação Comercial de Regência, Messias Caliman, 49 anos.

gazetaonline.com.br

Veja vídeo e galeria de fotos do problema da lama no Estado

Captação abandonada antes de inauguração

✎ O medo de água do Rio Doce invadir outro rio e as lagoas da cidade fez com que a Prefeitura de Linhares fizesse uma série de barragens emergenciais. Por outro lado, uma obra de captação do Doce que estava pronta teve que ser abandonada antes da inauguração.

Com areia, uma barreira simples havia sido feita entre o Rio Pequeno, que abastece o município, e o Rio Doce, por conta da seca. Foi a salvação e o que era provisório teve que ser reforçado. Mas uma nova barragem está sendo construída com mais estrutura.

“Também tivemos que fazer oito barreiras para evitar que o Doce jogasse a água para dentro das lagoas a que está conectado, porque o nível dele começou a subir. E o serviço de captação desse rio teve que ser suspenso antes de acionar”, explica o secretário de governo do Linha-

res, Welio Pompermayer.

Entre as lagoas que estavam ameaçadas, a Juparanã. “É a segunda maior do Brasil em volume de água. Teríamos com certeza uma contaminação de 100 anos”, diz o secretário de Meio Ambiente do município, Rodrigo Paneto.



Paneto mostra barragem entre Rio Pequeno e Rio Doce

SEMANA DE 27 DE NOVEMBRO A 4 DE DEZEMBRO DE 2015

▼ Juiz diz que dinheiro “sumiu”

Juiz manda bloquear R\$ 300 milhões das contas da empresa para reparar danos às famílias de vítimas.



▼ Fundo de R\$ 20 bi para Rio Doce

Os governos de Minas e do Espírito Santo, além do federal, anunciam que moverão uma ação civil pública contra a Samarco.



▼ Pescadores pedem socorro

Pescadores passam por dificuldades para sobreviver devido à proibição da pesca no Rio e no mar em Regência, Linhares.



▼ Empresa apressou aumento de barragem

Jornal denuncia que a Samarco apressou o aumento de capacidade na barragem.



LAMA NO ESPÍRITO SANTO

EM BARRAGEM DE MINAS

Vale lançou mais rejeitos que o declarado

Um documento do Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM), obtido com exclusividade pelo Jornal Nacional, mostra que a Vale jogou mais rejeitos na barragem de Fundão, em Mariana, do que tinha declarado. A empresa é

dona da Samarco, junto com a BHP Billiton.

No dia 24 de novembro, a Vale admitiu que utilizava a barragem de Fundão. Mas afirmou que apenas 5% do volume total eram despejados por ano no local. De acordo com o documento, em

2014, o total de rejeitos líquidos jogados na barragem passou de 18 milhões de m³. A Vale foi responsável por 28% desse total.

Os técnicos do DNPM visitaram a barragem de Fundão, que se rompeu no dia 5 de novembro, e a mina

da Vale, que fica ao lado. O documento mostra que os rejeitos produzidos pela empresa eram levados até fundão por meio de tubos.

As fiscalizações aconteceram após a tragédia. O objetivo principal era investigar se a empresa lan-

çava rejeitos na barragem. Portanto, o DNPM não sabia desta operação. A Vale não quis comentar a investigação. A empresa já afirmou que, por contrato, a Samarco era a responsável pela gestão, pelo controle e pela operação de Fundão.

BARRAGEM

28%

do total

De rejeitos na barragem de Fundão foram lançados pela Vale. A empresa havia dito que eram 5%.

LAMA NO ESPÍRITO SANTO

TRAGÉDIA VAI AMPLIAR RECESSÃO ECONÔMICA

Paralisação da Samarco tem efeito direto na indústria e no PIB

MIKAELLA CAMPOS
mikaella.campos@redgazeta.com.br

As projeções para a economia do Espírito Santo já não eram animadoras, mas com a tragédia ambiental que devastou o Rio Doce e atingiu o litoral capixaba, o cenário é ainda mais preocupante. A lama da Samarco começa a soterrar os planos do Estado de sair do mais íleso possível da turbulência econômica nacional. É possível até que a queda no Produto Interno Bruto (PIB) local deste ano seja ainda mais intensa do que o índice de 0,3% previsto pelo banco Santander.

Com o futuro ameaçado diante do tamanho do impacto humano, social e ambiental provocado pelo rompimento da barragem em Mariana, a quebra da companhia pode significar não apenas um desequilíbrio no setor industrial como também um aprofundamento da recessão no Estado.

Levantamento da Federação das Indústrias (Fines) mostra que a Samarco – uma joint venture entre Vale e a australiana BHP Billiton – foi responsável, em 2013, por 4,7% do valor adicionado bruto do Estado, o equivalente a mais de 3,8% do PIB estadual. Sem a produção da mineradora,

4ª usina e a alta produtividade

Segundo o coordenador de macroeconomia do Instituto Jones dos Santos Neves, Victor Toscano, a indústria extrativa vinha mantendo a produção industrial do Estado positiva. O desempenho maior é reflexo, principalmente, da inauguração da quarta usina da Samarco e da oitava usina da Vale no 2º semestre de 2014, mantendo a alta produção.



VITOR JUBINI

Unidade da Samarco instalada em Ubu, Anchieta, está com as atividades paralisadas desde o acidente

há possibilidades de que haja um encolhimento ainda mais severo na economia em 2016.

E os efeitos econômicos do desastre ambiental, considerado o maior do país, serão vistos primeiro na performance da produção industrial.

Segundo o presidente da Fines, Marcos Guerra, o índice, calculado pelo IBGE, teria avanço de 8,7% neste ano em relação a 2014. Mas, com a Samarco parada desde o início de

COLABORAÇÃO

4,7%

de participação

Foi a contribuição da Samarco no PIB capixaba, apenas em 2014.

novembro, a indústria fechará o ano com crescimento zero. “É a empresa com a segunda maior produção no Espírito Santo. Os dois últimos meses do ano sem operar serão suficientes para jogar para baixo o crescimento estimado para toda a indústria”.

Em 2014, a Samarco fabricou 25 milhões de toneladas de pelotas de minério em Anchieta, o mesmo volume que a Vale no Complexo de Tubarão.

Procurada pela repor-

tagem, a Samarco disse que “o foco da empresa neste momento continua sendo o atendimento às pessoas e a mitigação de consequências ao meio ambiente”. A empresa confirmou a paralisação de suas operações nas Unidades de Germano, em Minas Gerais, e de Ubu, em Anchieta (ES). “Demais consequências do acidente e de seus desdobramentos serão objeto de análise futura da empresa”, informou.

PARTICIPAÇÃO DA EMPRESA

Desempenho

▼ **Produção industrial**
O segmento extrativo, segundo análise do Instituto Jones com dados do IBGE, apresentou aumento de 18,7% na produção industrial entre janeiro e setembro deste ano. O setor puxou toda a indústria, que estava com crescimento de 11,3% no acumulado de nove meses.

▼ Previsões frustradas

Antes do acidente, a expectativa é de que a

produção industrial fechasse o ano com alta de 8,7%, apesar da retração econômica. Diante da tragédia ambiental, o crescimento estimado será zero.

Participação

▼ **Samarco tinha 2ª maior produção**
Levantamento feito pela Fines mostra que a Samarco tinha a 2ª maior produção industrial do Estado, perdendo apenas para a ArcelorMittal

ANÁLISE

Impactos diretos e indiretos

Num momento de recessão econômica no país, indústrias como a Samarco tinham como papel manter a economia do Estado menos prejudicada pela crise. Com a mineradora paralisada, temos que pensar que haverá impactos diretos e indiretos para a economia. Além de perder o valor adicional bruto da Samarco, o Estado será atingido com uma queda na atividade de toda a cadeia produtiva construída em torno da empresa. Considerando todo o passivo humano, ambiental e social, há uma grande incerteza se a empresa conseguirá sobreviver. É importante que fique claro até como será a participação das controladoras da Samarco na prestação dos socorros financeiros aos prejudicados pela tragédia.

FERNANDO GALDI

PÓS-DOCTOR EM CONTABILIDADE, ESPECIALISTA EM FINANÇAS E INVESTIMENTOS E PROFESSOR DA FUCAPE

Acordo para manter empregos de funcionários

Ontem, foi assinado um Termo de Ajustamento de Conduta que visa a assegurar proteção preliminar a empregados da Samarco terceirizados e ribeirinhos, até 1º de março de 2016. O acordo foi feito na sede do Ministério Público do Trabalho, em Belo Horizonte. O termo tem abrangência no Espírito Santo e em Minas Gerais e vai contemplar 2.686 empregados diretos

da Samarco e 2.400 terceirizados. A estimativa de ribeirinhos contemplados é de 11 mil pessoas. O acordo prevê a manutenção dos empregos até 1º de março de 2016 e o pagamento de salários de empregados diretos e indiretos até essa data. Demissões posteriores ao prazo do TAC deverão ser negociadas com sindicatos. Em janeiro, a empresa vai reabrir negociações coletivas.

Tubarão. Em 2014, a empresa produziu cerca de 25 milhões de toneladas de pelotas de minério.

▼ Valor adicionado bruto

Em 2013, a Samarco foi responsável por 4,7% do valor adicionado bruto, indicador usado para calcular o PIB. Quando pega um elemento da natureza, a indústria realiza vários procedimentos industriais. É por isso que ele tem impacto no PIB.